

O mito moderno da Mulher Maravilha

Susana de Castro

Resumo: Considerando a perspectiva grega androcêntrica a partir da qual esse mito é tradicionalmente narrado, as Amazonas seriam mulheres selvagens, descendentes do deus da guerra Ares. Capazes de retirar um dos seios a fim de manusear melhor o arco e flecha, eram consideradas inimigas dos homens. A personagem em quadrinho Mulher Maravilha surge no meio da Segunda Guerra, em dezembro de 1941. Seu autor W. M. Marston atribui-lhe uma origem guerreira como princesa das Amazonas, Diana, filha da rainha Hipólita. Ela decide abandonar seu reino para acompanhar o capitão Steve Trevor, membro da inteligência do exército. Os quadrinhos refletiam o momento político conturbado e a Mulher Maravilha, munida dos superpoderes das Amazonas, encarna o ideal militar de bravura. Suas missões estarão relacionadas à guerra e seu disfarce será o de uma tenente da marinha que usa óculos, Diana Prince. Neste trabalho, procurarei explorar os limites e as modificações entre os dois mitos, o grego e a sua versão americana. Há claramente uma mudança na perspectiva do narrador do mito. Se no mito grego a mulher é temida por seu ódio aos homens, no segundo, o de Marston, ela colabora com os homens. Por que a mudança e em que medida essa medida reflete os ideais da mulher contemporânea, são algumas das questões que guiam este artigo.

Palavras-chave: Mulher-Maravilha, feminism, mitologia grega.

***Abstract:** Considering the andocentric Greek perspective by which this mythos is traditionally narrated, the Amazons would be savage women, descendents of the god or war Ares. Capable of rooting out the breast to better handle bow and arrow, they were considered enemies of men. The comic-book character Wonder Woman appears initially amid the World War 2 in December of 1941. W. M. Marston, the author, gave her a warrior origin as princess of Amazons, Diana, daughter of Queen Hypolita. She decided to resign her reign to join Captain Steve Trevor, member of the service of intelligence of the army. The comic books reflected a complex political moment and Wonder Woman, armed with the super powers of the Amazons, incarnated the military ideal of bravery. Her missions were related to the war and her disguise was a navy lieutenant with glasses named Diana Prince. In this work, I will explore the limits and differences between mythos, the Greek and the American version. It is noticeable the change of perspective of the narrator. In the Greek mythos, the woman is feared by her hatred to men, and in the second, the Marston Mythos, she collaborates with men. Why this change happened and how it can reflect the ideals of contemporary woman are some of the problems that will guide this article.*

Keywords: Wonder-Woman, feminism, Greek mythology.

Lia compulsivamente HQ na infância. Sempre que vinha nos visitar, meu tio Antonio trazia HQ em edições de luxo, de capa dura. Lembro-me especialmente de um exemplar que nos trouxe da peça **Romeu e Julieta** de Shakespeare em quadrinhos. Meu gosto era eclético, lia tanto **Mad e Mafalda**, quanto **Tio Patinhas**. O irmão mais velho da minha vizinha tinha um armário com pilhas de revistinha e eu sempre pegava novas

com ele para ler. O jornalista me deixava trocar a revista que tinha acabado de comprar, por outra que ainda não havia lido. Tão absorvida ficava com a leitura que se alguém viesse falar alguma coisa comigo enquanto estivesse lendo, não ouvia. Uma hora esse hábito acabou. Quando meus pais se separaram, passamos a ter TV em casa, presente de outro irmão da minha mãe, o tio Val. Troquei as HQ pelas séries de ação da TV e pelos livros de horror de Stephen King. Mas o prazer que a leitura de HQ provocava em mim ficou cravado na memória. Há alguns anos atrás comprei o exemplar de capa dura do **Watchmen** na FNAC na esperança de reavivar aquele prazer infantil. Li até a metade. Outras leituras mais prioritárias foram surgindo e relegando o projeto nostálgico ao esquecimento. Tudo isso mudou quando Fábio Bola me chamou para participar este ano de uma mesa sobre HQ e Filosofia na Comicon. Esse convite abriu para mim a possibilidade de resgatar a memória afetiva da minha leitura prazerosa das HQ, atualizar meu conhecimento sobre as novas publicações e, principalmente, associar tudo isso aos meus interesses acadêmicos. Como venho me dedicando ao estudo do feminismo, propus apresentar um ensaio sobre a Mulher Maravilha.

No dia da nossa apresentação na Comicon, o criador da série X-Men, Chris Claremont, respondendo a perguntas da platéia, insistiu que sua criação tinha como objetivo principal o divertimento (*entertainment*) do leitor.

Ficaria satisfeita com essa resposta se me colocasse somente desde a perspectiva daquela garota de oito ou dez anos que lia HQ compulsivamente, mas como mulher adulta, ela me parece insuficiente. As HQ, tanto as chamadas ‘graphic novels’, voltadas para um público leitor adulto e vendidas nas livrarias especializadas, quanto as tradicionais, vendidas em banca de jornais, possuem ‘mensagens’ que podem ser analisadas, criticadas e, ao mesmo tempo, divertir. O relacionamento do leitor individual com a obra não é estático (STULLER, 2010, p.73). Além disso, como feminista, posso tanto concordar que a apresentação das heroínas das graphic novels é, em geral, apelativa e sexista, quanto apreciar a mesma leitura pelo fato da protagonista da aventura ser uma mulher. Pessoalmente, minha relação com as HQ é tanto de prazer, quanto intelectual, ainda que o segundo se sobreponha ao primeiro e gere um tipo de prazer específico. Enquanto intelectual, quero investigar as forças sociais que estão por trás da criação individual e realizar um trabalho de crítica feminista da cultura comercial de massa.

No prefácio de livro **Wonder Women -- feminism and super heroes**, a

feminista americana Lillian S. Robinson relata como conseguiu sair de uma situação de perigo e extremo desconforto físico ao imaginar o que faria a Mulher Maravilha na sua situação. Essa anedota à primeira vista prosaica revela um elemento central da gênese da super heroína. A criação da MM é resultado de um ato deliberado de crítica ao universo masculinista dos super heróis em quadrinhos.

A Mulher Maravilha ‘nasce’ em 1941, na All Star Comics #8 (Figura 1), quando o editor da All American Comics (conhecida depois como DC Comics), Max Gaines, contrata o psicólogo, doutor por Harvard, William Moulton Marston como consultor para assuntos educacionais, após ter lido sua entrevista à revista “Family Circle”. Nessa entrevista, Marston critica o fato de a maioria dos super-heróis serem homens e das mulheres nas HQ serem relegadas a papéis secundários. Além disso, afirma que do ponto de vista psicológico a maior ofensa das HQ era sua ‘masculinidade sanguinolenta’ (*blood-curdling masculinity*). Para ampliar o potencial educacional das HQ seria preciso introduzir em seu universo personagens femininos multidimensionais. O objetivo de Marston com a criação da Mulher Maravilha foi o de que ela servisse de modelo para as garotas:

“Nem mesmo as garotas querem ser garotas, enquanto ao nosso arquétipo feminino faltar força, coragem e poder . . . O remédio óbvio é criar um caráter feminino com toda a força do Super Homem, além de toda sedução de uma mulher bondosa e bonita” (MARSTON apud ROBINSON, p. 46).



Figura 1- All Star Comics #8. DC Comics, 1941.

Para a criação da MM, Marston utiliza-se de um tipo particular de gênero narrativo: o épico modernizado (ROBINSON, 2004). Revisita a mitologia grega, adaptando-a a seus interesses narrativos. Sua fonte principal é o mito das Amazonas. Se hoje atribuímos às Amazonas um valor positivo, isso se deve em grande parte ao trabalho de Marston na criação da MM. Segundo o mito original das Amazonas, estas teriam sido guerreiras com poderes extraordinários, para mulheres. Viviam da caça e da guerra e em companhia só de mulheres. Ao mesmo tempo em que admiradas por seus poderes incomuns, eram também temidas por não aceitarem os papéis tradicionais de mãe e esposa. Para o imaginário popular grego eram mulheres selvagens e desqualificadas. Marston inverte o valor do mito, dando-lhe um caráter positivo e edificante ao associar-lhe à origem da MM.

MM é, na verdade, a princesa Diana, filha da rainha das Amazonas, Hipólita. Na sua versão, a protetora das Amazonas é a deusa Afrodite, deusa do amor e da beleza, e não, como no mito grego original, Ares, deus da guerra. Segundo Marston, Afrodite e Ares dividiam o governo da terra. Ares e seus homens escravizavam as mulheres até o dia em que Afrodite criou com suas próprias mãos uma raça de super mulheres, mais fortes do que os homens. Ela dá à chefe das amazonas o seu próprio cinturão, o que as torna invencíveis. No mito grego, em seu nono trabalho, Heracles teria combatido e vencido as Amazonas, na versão de Marston, ele seduz a rainha Hipólita e lhe rouba o cinturão. Os gregos, então, comandados por Heracles, subjugam às Amazonas. Hipólita implora a Afrodite que lhes ajude. Afrodite atende ao pedido, mas as obriga a usar daí em diante os braceletes com os quais os gregos as acorrentaram para lhes lembrar eternamente do erro que cometeram. As Amazonas vão, então, para a Ilha Paraíso e lá vivem em paz, sem a presença de homens. Marston altera novamente o mito ao afirmar que Afrodite tem o poder de criar a vida do nada. Nenhum Deus grego gera do nada, como o Deus cristão. Deuses e semideuses são gerados como os mortais, em relações ‘normais’, heterossexuais, com poucas exceções. Uma delas é o nascimento da deusa Atena, nascida diretamente da cabeça de Zeus, e a outra, o de Afrodite, que nasce da espuma do sêmen de Zeus despejado no mar. Ambas são protetoras das Amazonas no mito segundo Marston, mas ambas não nascem de alguma mãe. Não há sinal na mitologia grega de deusas ou mortais parindo sem terem sido fecundadas por um macho. Na história de Marston, porém, a princesa Diana é gerada pelo sopro de vida que Afrodite dá à figura esculpida por Hipólita. Além disso, como todas as outras

Amazonas, bebe da fonte da juventude e torna-se imortal. Na versão de Marston, as Amazonas são modelos de civilidade enquanto os homens gregos são brutos e violentos. No mito original grego a relação é a inversa. As mulheres Amazonas são apresentadas como mulheres andrógenas que rejeitam a instituição do casamento.

Diana se apaixona pelo Major Trevor e acaba abandonando a ilha para poder estar ao seu lado e combater os inimigos da liberdade. Na América, assume uma falsa identidade, como tenente Diana Prince. Enquanto Mulher Maravilha, traça botas de cano longo e um uniforme com as cores da bandeira americana. Bonita e destemida, em sua identidade secreta, ao contrário, é uma mulher tímida, recatada e apaixonada.

A história da MM representa tanto um heroísmo feminista, pois as Amazonas combatem e rejeitam viver sob o patriarcado (como as Amazonas não podem trazer nenhum homem para a Ilha em que moram, MM fica impedida de se casar com o major por quem se apaixonou), quanto um heroísmo cívico, pois a princesa Diana abdica de sua imortalidade para combater os inimigos da democracia. Em plena Segunda Guerra, os inimigos em solo americano eram os espiões do eixo, japoneses ou alemães. Diana é enviada a América por sua mãe e sob os auspícios de Afrodite e Atena para ajudar na causa do “último bastião da democracia e dos direitos iguais para as mulheres”.

Apesar do reconhecido pionismo de Marston, seu apelo ao heroísmo feminino foi bem recebido na sociedade americana porque havia uma atmosfera política propícia. Com os homens no front europeu, a sociedade americana estimulava a participação das mulheres no mercado de trabalho. A fragilidade de sua posição fica clara, com a mudança social e política na América pós-guerra, quando mídia e sociedade de uma maneira geral conclamam justamente o oposto, a saber, o retorno das mulheres aos seus lares e a seus papéis domésticos tradicionais, de esposa e mãe. Quando Marston morre em 1947, a MM vai sofrer a sua primeira grande mudança sob a autoria de artistas que escreviam apenas o que a sociedade convencionava como o correto. A personagem da Mulher Maravilha aparecerá seguidas vezes mais preocupada com seu relacionamento com o Major Trevor do que com suas missões humanitárias.

“Este era um esforço com o objetivo de normalizar o papel doméstico da mulher americana, e seus suplementos, sua identidade tradicional de gênero, com suas bases heterossexuais e ética do consumo. Reforçando instituições discriminatórias, a mass media, a propaganda, a psicologia popular e a prática terapêutica, ao lado da religião tradicional, todas apresentam variações sobre o mesmo tema acerca do modo normal e correto de ser uma mulher do pós-guerra” (ROBINSON, 2004, p. 47).

Nessa atmosfera conservadora, o psicanalista judeu-alemão, Dr. Frederic

Wertham lança em 1954 o livro **Seduction of the Innocent**, no qual acusa as HQ de serem prejudiciais à educação das crianças. Por causa da campanha de Wertham muitos heróis são aposentados e outros remodelados. E os próprios editores criam o Comics Code Authority.

Wertham usou seu trabalho em uma clínica psiquiátrica no Harlem voltada para jovens de alto-periculosidade e suas famílias, para embasar sua tese de que as HQ estimulavam a violência. Não só a violência, mas também comportamentos sexuais desviantes. No livro, identifica uma relação homoerótica entre Batman e Robin, e estímulo ao lesbianismo na relação entre MM e suas ajudantes Etta Candy e as Holliday Girls pela forma como seguidas vezes resgatam umas as outras das situações de perigo. Sempre que precisava de ajuda, MM enviava sinais telepáticos para que as estudantes do Holliday College viessem lhe socorrer. Essa atmosfera de ‘sisterhood’ criada por Marston, bastante avançada para época, pois quebrava com a visão solitária da heroína que faz tudo sozinha, foi interpretada de uma maneira oposta por Wertham:

“Ela é fisicamente muito poderosa, tortura homens, tem sua própria seguidora feminina, é a mulher cruel, ‘fállica’. Enquanto ela é uma figura ameaçadora para os meninos, ela é um ideal não desejável para as garotas, sendo exatamente o oposto de que se supõe que as garotas devam querer ser” (WERTHAM apud MADRID, p. 190).

O ápice da remodelagem da MM segundo o gosto puritano da época ocorre na edição número 105 (abril, 1959) (Figura 2). Nessa edição, a origem da MM é completamente modificada e todo o pano de fundo do mito das Amazonas é eliminado. Nessa primeira nova versão, MM não nasce de uma mãe em um processo de partogênese, mas sim de pais mortais humanos. Seus poderes são dons especiais que recebe dos deuses, e não poderes comuns a toda uma raça de mulheres (Robinson, 2004, p. 79).

Esse declínio dos ideais de Marston vai continuar até 1972, quando sob influência da transformação do feminismo em movimento de massa a DC Comics retoma os ideais antigos com a nova série intitulada “New Adventures of the Original Wonder Woman” # 204 (Figura 3). Entre a edição 105 e a 204, há, porém, mais uma grande etapa revisionista, chamada de “The New Wonder Woman”, ou “The Diana Prince Era”. Essa etapa inicia-se com a edição número 178 de 1968 (Figura 4). Seguindo a influência da atmosfera social, e comercial, trazida pela chamada ‘revolução sexual’, os editores dessa nova Mulher Maravilha resolveram torná-la mais humana e mais sexy. Assim, nessa versão ela abandona todos os seus poderes e adereços para poder ficar na

América. Aqui ela vai combater o crime fazendo uso de artes marciais. Abandona seus trajes tradicionais. Sob a fachada de dona de uma boutique, passa a usar roupas da moda e a combater principalmente vilãs femininas (STULLER, 2010, pp. 37-38).

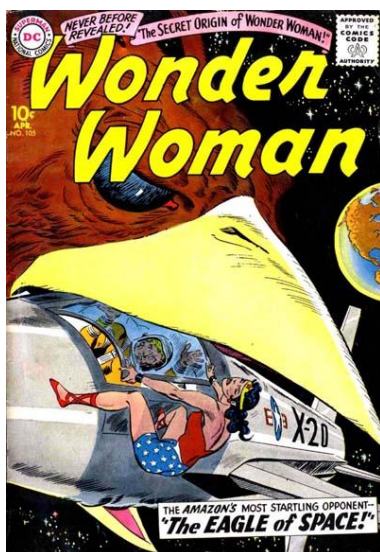


Figura 2- Wonder Woman #105. DC Comics, 1959.

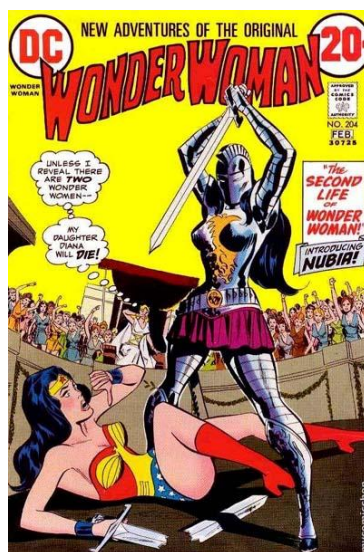


Figura 3- Wonder Woman #204. DC Comics, 1973.

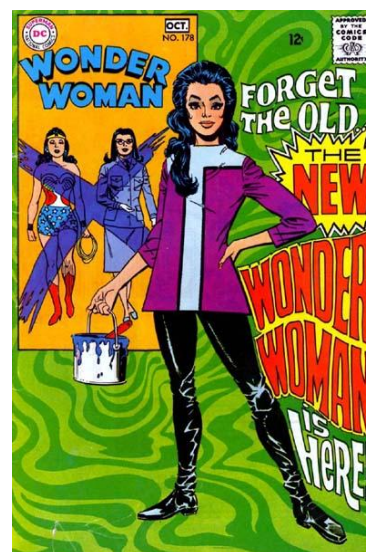


Figura 4- Wonder Woman #178. DC Comics, 1968.

O retorno a MM original com seus trajes tradicionais e apetrechos especiais (o laço da verdade, o avião invisível etc.) ocorre, como foi dito na edição número 204 (janeiro-fevereiro, 1973). Nessa versão sua ajudante não é mais a infantil Etta Candy, mas a afro-americana Nubia. Nessa versão o pano de fundo da história da origem da MM é completamente resgatado e as ações da MM e de Núbia são envolvidas com as das Amazonas.

Outras transformações ocorrerão, principalmente com o visual da MM nas décadas seguintes até a presente data. Devemos nos lembrar que na história recente das HQ dois eventos vão provocar profundas transformações, a revolução Marvel com os personagens criados por Stan Lee na década de 1960. Ele tirou as histórias de HQ do enquadramento maniqueísta comum (bem versus mal), trouxe ironia e metalinguagem para as HQ, a começar pela criação dos personagens do ‘O quarteto fantástico’. Incorporou na narrativa das aventuras momentos nos quais ‘o lado negro’, de medo, insegurança ‘existencial’ e angústia dos heróis é mostrado – lembremo-nos aqui do inseguro Peter Parker, alias Homem Aranha. Em 1986, DC Comics dá o troco a Marvel com uma nova série, “A crise dos universos infinitos”.

A Mulher Maravilha é a *primeira* heroína das HQ. Antes dela já havia surgido Sheena, a rainha das selvas, mas a Mulher Maravilha é a primeira colocada em tempo

de existência, sete décadas, e a que mais visibilidade recebeu em termos de assiduidade de suas revistas. O fato de ela persistir, ainda que com altos e baixos, por tanto tempo, a eleva a uma categoria de ícone que as outras heroínas da HQ, como She-Hulk, Invisible Woman, Elektra, não possuem.

As HQ dos super-heróis visam é claro a venda, por isso os temas que abordam devem estar de acordo com o gosto do público leitor. Como esse público leitor é na maioria masculina, as histórias seguem o gosto masculino. Mas é possível detectar avanços nessa área, com aumento do público leitor feminino e principalmente com a participação de artistas mulheres na redação e concepção das HQ. A percepção de Moulton permanece a certa, enquanto as mulheres só tiverem papéis secundários nas HQ, as garotas vão se identificar com os Homens-Aranha e Batmans, personagens corajosos e fortes. A psicologia feminina nesse sentido não é muito diferente da masculina. Tanto quanto o homem, a mulher quer realizar feitos gloriosos, ser heroína da humanidade. Ainda que isso de fato só ocorra na imaginação e na fantasia, a possibilidade de imaginar em si esse potencial tem efeitos extremamente positivos na auto-estima do leitor.

Referencial bibliográfico:

MADRID, Mike. **The supergirls**. Minneapolis: Exterminating Angel Press, 2009.

ROBISON, Lillian S. **Wonder Women: feminism and superheros**. Nova Iorque, Londres: Routledge, 2004.

STULLER, Jennifer K. **Ink-Stained Amazons and Cinematic Warriors: Superwomen in modern mythology**. Londres: I.B.Tauris, 2010.